RESUMO

Apresentação de investigações da disciplina de Análise Urbana, que são do domínio da Arquitectura, têm fundamento no método histórico-tipológico desenvolvido na escola italiana, e integram conhecimentos multidisciplinares de História, Geografia, Arqueologia, Antropologia e Filosofia, entre outros.
A Análise Urbana é uma disciplina ordenadora da investigação, dotada de um corpo de conhecimentos sólido, com flexibilidade para integrar outros saberes, que permite abordagens muito diferenciadas, de âmbito temático ou com incidência no território, em povoações, bairros ou tecidos urbanos.

PALAVRAS CHAVE: Urbanismo; Arquitectura; Geografia; Arqueologia.

ABSTRACT

Presentation of research done in the area of Urban Analysis, which belongs to Architecture, is founded in the historic-typological method developed by the Italian school and includes cross-curricular knowledge from History, Geography, Archaeology, Anthropology and Philosophy, among others.
Urban Analysis is a subject that organises research and boasts a solid field of knowledge, yet is flexible enough to include other areas of knowledge, simultaneously allowing very different theme or territory-oriented approaches focussing on populations, neighbourhoods or urban areas.

KEY WORDS: Urbanism / urban development; Architecture; Geography; Archaeology.

RÉSUMÉ

Présentation de recherches réalisées par la discipline de l'Analyse Urbaine, appartenant au domaine de l'Architecture, ayant un fondement dans la méthode historico-typologique développée par l'école italienne et intégrant des connaissances pluridisciplinaires d'Histoire, Géographie, Archéologie, Anthropologie et Philosophie, entre autres.
L'Analyse Urbaine est une discipline ordinatrice de la recherche, dotée d'un corpus solide de connaissances, avec suffisamment de flexibilité pour intégrer d'autres savoirs, qui permet des approches très différenciées dans un cadre thématique ou avec une incidence sur le territoire, les peuplements, quartiers ou tissus urbains.

MOTS CLÉS: Urbanisme; Architecture; Géographie; Archéologie.

Análise Urbana

integração de conhecimentos multidisciplinares

Vitor Durão [I]

1. A disciplina de Análise Urbana, pertencendo ao domínio da Arquitetura, procura conhecer e explicar a forma urbana de qualquer época, o processo de formação, a morfogénese dos tecidos urbanos e os processos de transformação urbana que se sucederam e sucedem no tempo e, numa perspectiva holística, os próprios fenómenos urbanos. Os trabalhos de investigação poderão ser dedicados exclusivamente ao conhecimento, que aqui evidenciamos, como deles derivarem aplicações concretas, quer para a reabilitação urbana, quer de outro género.

A autonomização da disciplina surgiu como necessidade de introduzir nos estudos sobre a forma urbana, que se faziam desde épocas anteriores pelas disciplinas de Geografia, História, Arqueologia e Urbanística, uma visão de projeto arquitetónico, que a análise tipológica veio resolver e, com isso, permitir uma mais completa compreensão dos processos de formação e das transformações de um tecido urbano. Foi Saverio Muratori que, pela primeira vez, relacionou tipo e forma urbana, integrando sólidos conhecimentos de História nos seus estudos, iniciados cerca de 1954, sobre a formação e transformação dos tecidos urbanos e da edilicia de Veneza (Fig. 1) (MURATORI, 1959). Na investigação sobre o tecido medieval de Roma, demonstrou ainda a permanência de formas urbanas romanas na cidade atual (Fig. 2), apesar dos antigos edifícios romanos terem sido demolidos (MURATORI *et al.*, 1963).

Gianfranco Caniggia, perseguindo o caminho iniciado por Muratori, seu mestre, realiza diversas investigações, nomeadamente à cidade de Como, em Itália, com este método não intrusivo, mas seguro quanto ao conhecimento, para a leitura dos tecidos urbanos medievais que em Itália são muito extensos. Como corolário das diversas investigações realizadas, Caniggia, acompanhado de Gian Luigi Maffei, desenvolveu o método de leitura histórico-tipológico, como o denominaram (CANIGGIA e MAFFEI, 1995 [1979]), onde a noção de tipologia é, de modo dialético, aplicada às diferentes escalas do ambiente antrópico, relacionando o tipo com o território.

[I] Arquiteto, Universidade Lusíada, Lisboa. Doutor em Arquitetura, Universidade de Sevilha, Espanha. Membro do Centro de Investigação em Arquitetura e Áreas Metropolitanas (CIAAM) do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (*vmdurao@gmail.com*).

Por opção do autor, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Fig. 1 – Todos os tecidos urbanos de Veneza foram reconstituídos. Como exemplo, apresenta-se a reconstituição do quarteirão do Campo Due Pozzi. **1)** Fase I, do século XV; **2)** Fase III, do século XVIII; **3)** Fase IV, situação atual (Muratori, 1959).

Este método reconhece o modo como esses tecidos urbanos se formaram numa relação intrínseca entre a rede de trajetos, tipos construídos e propriedade cadastral. Conjuga a análise dos tecidos urbanos existentes no momento da realização da investigação, com o estudo, comparação e síntese de desenhos, gravuras, projetos e documentos das diversas épocas, permitindo criar teorias explicativas e projetos de reconstituição desses mesmos tecidos urbanos que podem gerar a leitura não só das estruturas construídas, mas também do ambiente antrópico e contribuir para revelar a cultura subjacente ao próprio ser humano, enquanto criador desse mesmo ambiente e construtor dessas estruturas.

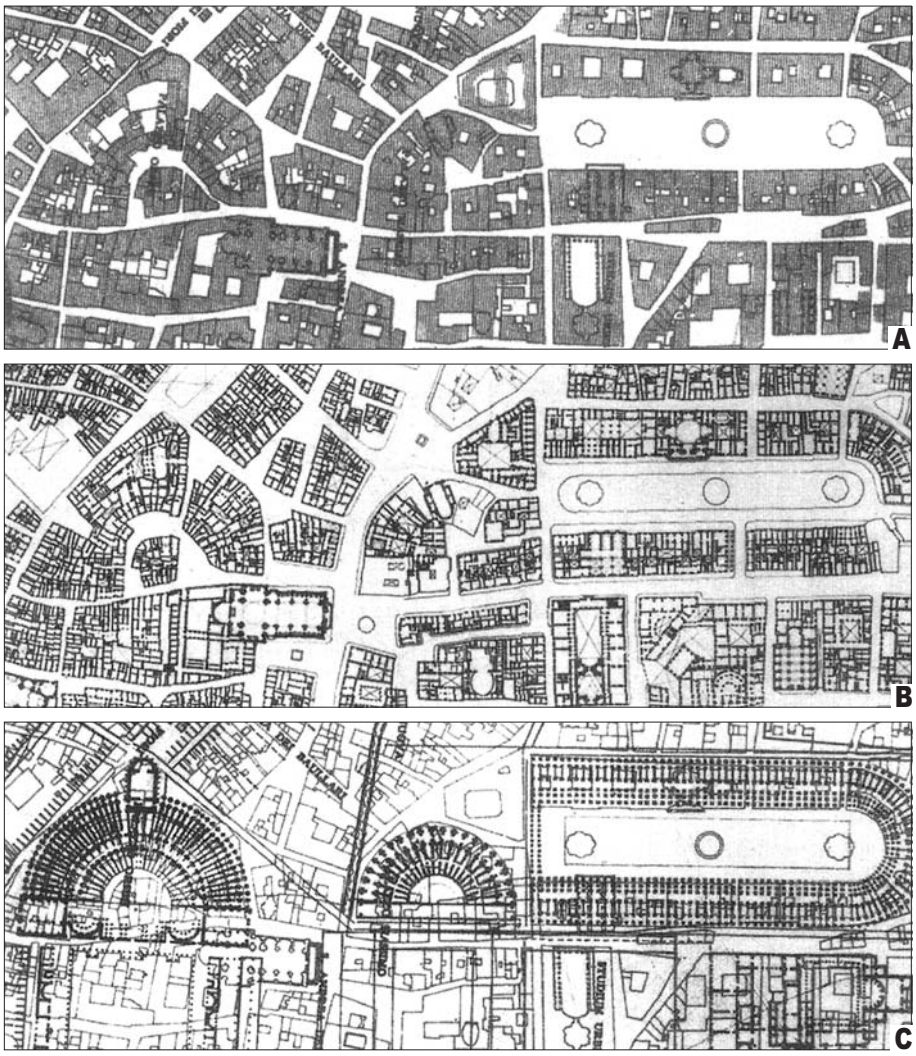


Fig. 2 – Tecidos medievais sobrepostos a edifícios especializados antigos. **A)** Zona do Teatro de Pompeu, do Odeon e do Estádio Domiciano, no Campo de Marte. *Catasto Piano*. São claras a presença e as características das três implantações na leitura do tecido cadastral. Nota-se como são evidentes as preexistências, denunciadas pelo tecido em série das casas em banda (curva do Estádio, perímetro do Teatro), comparativamente às que são ocupadas por edifícios de maior dimensão (Odeon, curva dos palácios Massimo). **B)** Levantamento atual da mesma zona, à mesma escala. A comparação com o cadastro precedente mostra como são facilmente legíveis as preexistências do tecido construído, apesar do notável trauma sofrido pelo agregado entre ambas as épocas, com a abertura das ruas Vittorio e Rinascimento. **C)** As preexistências romanas em relação com o plano cadastral. Ainda se notam os trajetos curvilíneos que envolvem os edifícios especializados, e os trajetos diagonais que atravessam os espaços públicos (Muratori *et al.*, 1963).

2.

Quanto mais antiga for uma cidade e por mais traumatismos urbanos tenha passado ao longo da sua existência, mais complexa e difícil é a sua análise. Como exemplo, refiram-se as nossas cidades antigas, como Lisboa, onde populações autóctones começaram a instalar-se de modo permanente desde há mais de 3000 anos (SOUSA, 2016), ou em Setúbal, desde há cerca de 2800 anos (SOARES, 2000). A edificação destas urbes realizou-se por processos de formação longos a partir de povoados iniciados pelos povos autóctones, prolongados ou transformados por gregos e fenícios ou de colónias fenícias, romanos, visigodos e outros povos do centro e norte da Europa, árabes de diferentes proveniências (MARQUES, LEGUAY e BEIRANTE, 1993) e, finalmente, os portugueses de muitas épocas influenciados pelo que foi sucedendo no mundo.

O saber sobre a cidade é complexo, multidisciplinar e não evidente à primeira vista. Há atualmente muitas disciplinas que de um ou outro modo estudam a cidade. Mas, no que nos interessa conhecer – a forma urbana –, destacamos aquelas disciplinas cujos conhecimentos, para além dos da própria Arquitetura, mais foram utilizados nas investigações que apresentamos: Geografia, História, Arqueologia, Antropologia e Filosofia. Há, contudo, outras disciplinas cujas noções se integram nas investigações de Análise Urbana, particularmente as que se referem a situações ocorridas de meados do século XIX para a atualidade devido aos novos modos de fazer e transformar a cidade, e que são: Urbanismo, Economia, Direito, Geologia, engenharias diversas, relacionadas com o ambiente, etc.

Os processos de formação e de transformação urbanos são realizados ao longo de diversas épocas. A disciplina de História contribui para contextualizar cronologicamente os acontecimentos urbanos e relacionar estes fenómenos com outros de carácter local, regional ou geral, sendo uma disciplina decisiva para o entendimento dos acontecimentos no tempo, como são os processos tipológicos e, por isso, como já se referiu anteriormente, CANIGGIA e MAFFEI (1995 [1979]) apelidaram de método histórico-tipológico.

Como qualquer assentamento humano, núcleo proto-urbano ou urbano, assenta num suporte físico, o próprio território, e transforma-o, a Geografia e disciplinas próximas como a Topologia, a Topografia e a Hidrografia, surgem possuidoras dos saberes necessários para melhor se compreender esse mesmo território de assentamento previamente à urbanização, e as transformações que os seres humanos vão realizando de modo a prosseguirem os seus objetivos.

Ao nível da ocupação do território, a Arqueologia é a disciplina decisiva para se conhecer os assentamentos humanos, por muito mínimos que fossem, de épocas mais antigas e pré-históricas. Conhecer como esses seres humanos ocupavam o território é de grande importância à compreensão do ambiente antrópico e das suas transformações. Por outro lado, a Arqueologia dá a conhecer os tecidos urbanos que estão soterrados, mesmo que seja por pontuais vestígios arqueológicos, e que não deixaram elementos compreensíveis na forma urbana atual.

Nos últimos anos, em Portugal, os vestígios arqueológicos encontrados têm permitido rescrever a história das nossas cidades antigas, como no caso de Setúbal (SOARES, 2000). Até meados dos anos 70 do século XX, o paradigma dominante era de que a cidade teria sido uma vila medieval fundada no século XIII. A partir dessa época, e como resultado das escavações arqueológicas entretanto realizadas, o paradigma muda-se e passa a ser considerado que teria sido uma urbe romana de cariz industrial. Após meados dos anos 80 do mesmo século, novos vestígios arqueológicos encontrados e devidamente estudados voltaram a alterar o paradigma quanto à formação da urbe, que ter-se-á iniciado com populações autóctones, na colina de Santa Maria, e conhecido os primeiros contactos com Fenícios entre os séculos VIII e VII (SILVA, 2001), e a partir desses tempos prolongado a povoação a uma restinga que entretanto se vinha desenvolvendo na base da colina (SILVA e COELHO-SOARES, 2014). Ou seja, em apenas 40 anos, avançou-se no passado cerca de 2000 anos e com isso a Arqueologia deu um valioso contributo para a História e abriu novos caminhos ao conhecimento das nossas cidades.

A noção do ser humano como ser cultural, construtor do espaço antrópico, está na génese da análise tipológica proposta por CANIGGIA e MAFFEI (1995 [1979]), que se pode identificar como visão da Antropologia. E foi esse ser, e é esse ser, que munido da sua cultura, formou e transformou os territórios e, posteriormente, as urbes, num percurso infindável de fazer e desfazer, numa complexa simbiose entre o ser cultural que forma mas que, ao formar, também se transforma culturalmente e assim sucessivamente: as realidades físicas são transformadas, tal como o ser que as realiza. Por isso, numa análise que englobe o ser humano construtor de si e da sua cultura como do espaço antrópico, a Antropologia está presente e é importante para a compreensão desse homem formador / transformador do seu *habitat* e de si próprio.

Para além da dúvida, como método de estar e de investigar, e da dialética, como modo de racionalizar o pensamento, são muitas as aportações da Filosofia à Análise Urbana, nomeadamente quando se pretende obter conhecimento de carácter holístico sobre um espaço urbano ou sobre elementos urbanos. A fenomenologia contribui para descodificar o espaço do ser humano que, nas cidades antigas, pode-se interpretar como o lugar, o sítio por excelência da vida humana. O espaço existencial, o ser humano e o habitar, são temas que têm sido analisados por filósofos e que são um contributo para a Arquitetura e especificamente a esta disciplina. O arquiteto Christian Norberg-Shultz realizou diversas investigações sobre estas temáticas, nomeadamente sobre o espaço existencial, onde procurou perceber a essência do espaço antrópico e descodificar as relações entre elementos e o ser humano enquanto construtor e usufrutuário (NORBERG -SHULTZ, 1975 e 1998[1980]), o que se tem revelado como conhecimento complementar em algumas investigações de Análise Urbana.

3. As investigações que aqui apresentamos como exemplos de multidisciplinariedade, foram realizadas por arquitetos que se fundamentaram no método de leitura histórico-tipológico da escola italiana, como atrás referimos, mas que, sempre que necessário, integraram outros conhecimentos disciplinares para responder devidamente a questões que as próprias investigações induziram. A disciplina de Análise Urbana é, em todos os exemplos apresentados, a disciplina ordenadora da investigação, o que evidencia um corpo de conhecimentos sólidos, flexibilidade disciplinar na integração de outros saberes e possibilidade de abordagens muito diferenciadas, como são as investigações de âmbito mais geral sobre o território, de povoações, bairros ou tecidos urbanos, ou temáticas.

3.1. As investigações de carácter territorial realizadas em diversas regiões de Itália (CANIGGIA e MAFFEI, 1995 [1979]) permitiram entender o modo como o território foi sendo transformado, porque integraram conhecimentos da Geografia e de disciplinas complementares desta, tal como da Arqueologia e da Antropologia, o que permitiu criar um modelo teórico do modo como se terá construído o espaço antrópico desde os seus distantes primórdios (Fig. 3). Desde os primeiros percursos naturais que se realizavam pelas cristas dos montes, aos primeiros assentamentos e a toda a sucessiva construção de trajetos, núcleos proto-urbanos e urbanos. Foi possível porque se compreendeu o pensamento tipológico que esteve subjacente aos antigos construtores, e que é diferente a partir do momento em que os seres humanos passam a dar preferência aos vales em detrimento dos montes, o que induziu uma mudança de paradigma na construção do espaço antrópico que implicou uma profunda transformação cultural do ser humano. Gian Carlo Cataldi, na senda de Muratori e de Caniggia, dedicou-se à investigação sobre o território em Itália, procurando estabelecer uma ciência do território (CATALDI, 1977) que pressupôs integrar e cruzar saberes de História, Antropologia, Geografia e Arqueologia que foram fundamentais para a reconstrução conjetural da dinâmica geotemporal da transformação do território.

Na investigação ao território da antiga aldeia de Odivelas (DURÃO e ALMEIDA, 2012), o entendimento da sedimentação de populações na região foi possível pelo cruzamento de conhecimentos da Geografia e disciplinas próximas com a Arqueologia, permitindo a reconstituição

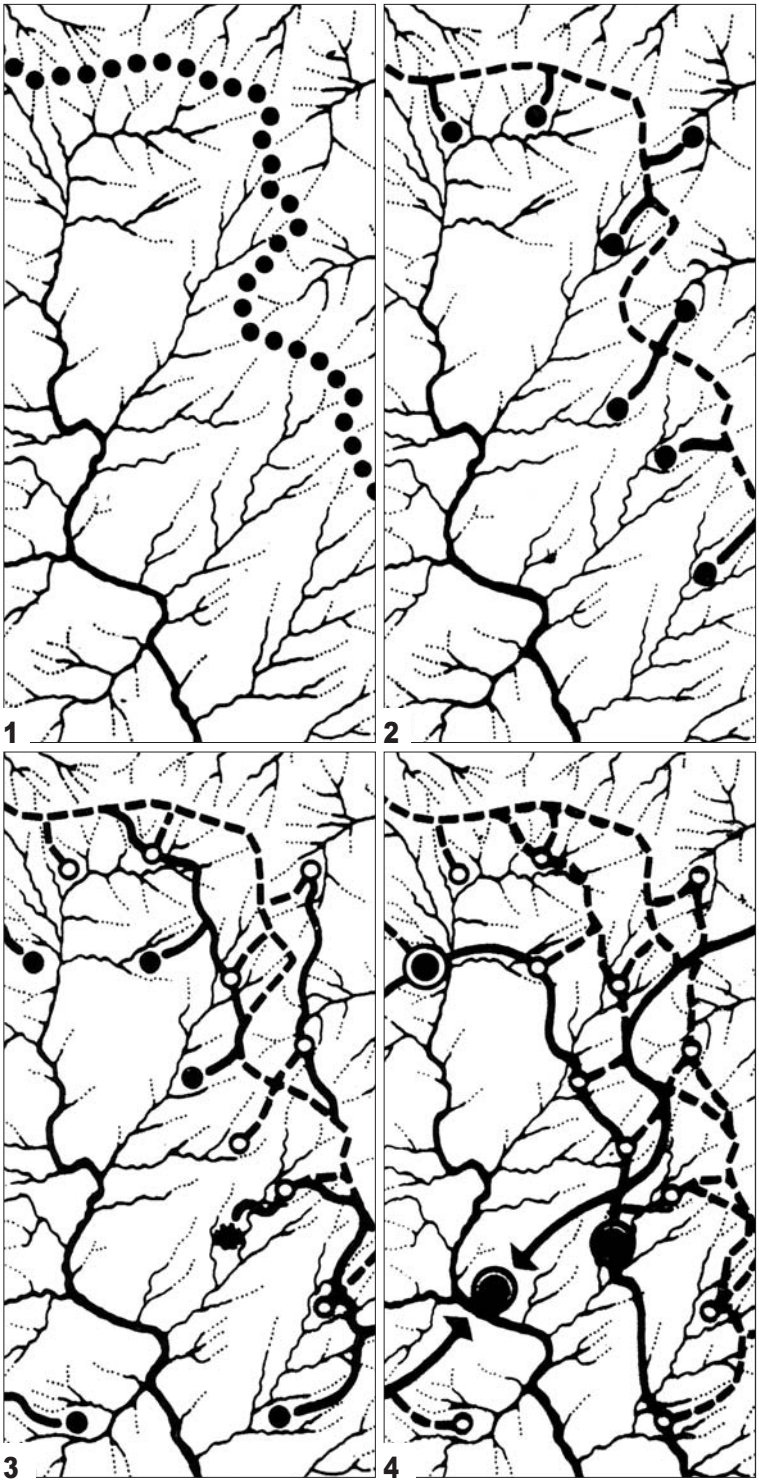


FIG. 3 – Modelo teórico do primeiro ciclo territorial (de assentamento). **1)** Primeira fase: trajetos de crista principal. **2)** Segunda fase: trajetos de crista secundária e assentamentos de promontório alto. **3)** Terceira fase: contracristas locais, assentamentos de promontório baixos e núcleos urbanos elementares. **4)** Quarta fase: contracristas contínuas, sintéticas, núcleos urbanos de alto e médio vale (CANIGGIA e MAFFEI, 1995 [1979]: 148) [**nota:** entende-se por contracristas à ligação direta entre os assentamentos sem passar pela crista secundária].

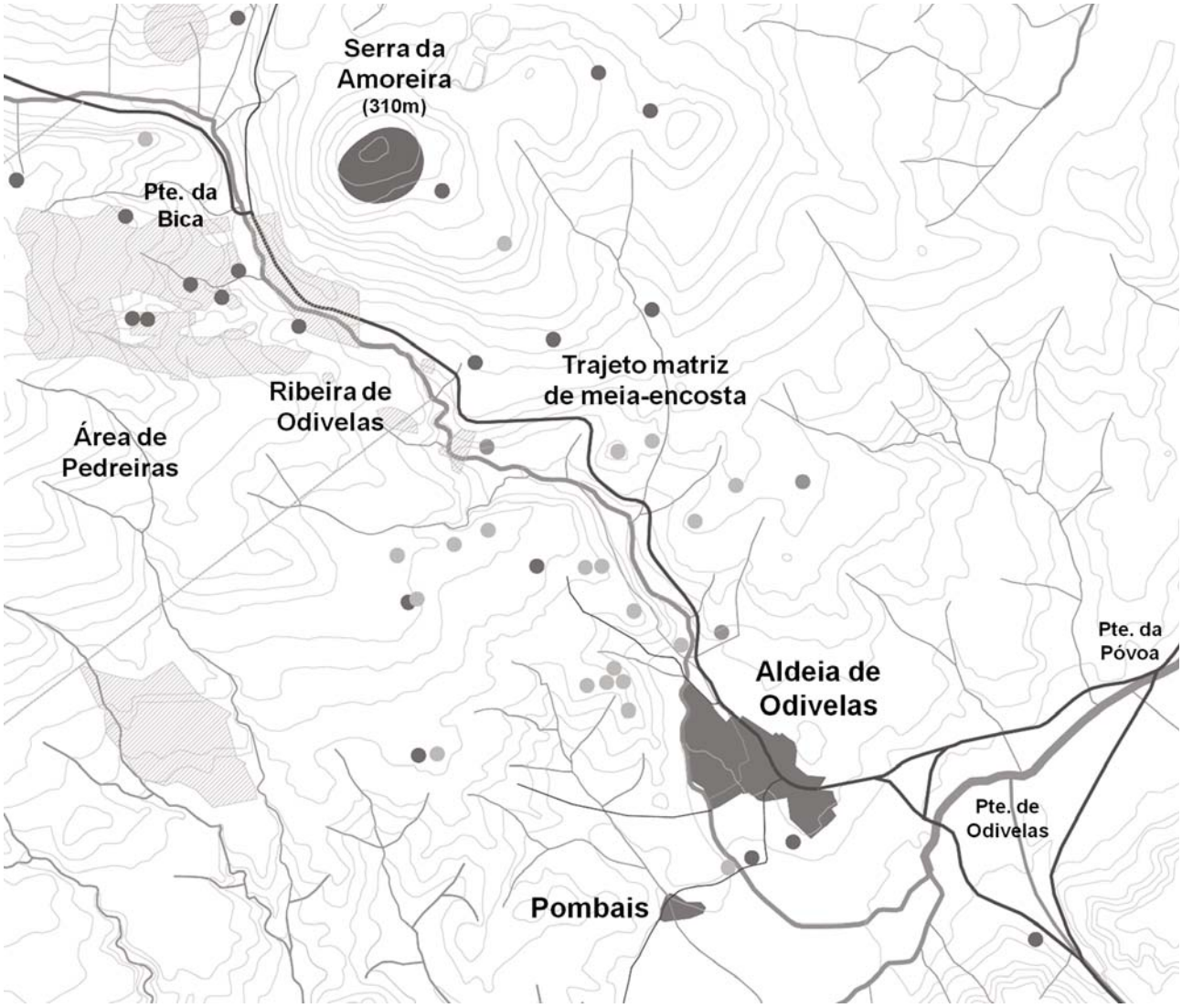
do próprio território e dos seus assentamentos preferencialmente junto ao sistema constituído pelo trajeto matriz e a ribeira de Odivelas (Fig. 4), junto ao qual, em época posterior foi edificado o mosteiro e a aldeia se consolidou, e que é hoje o centro histórico da cidade.

3.2. Alfonso del Pozo realizou uma investigação muito precisa quanto à aplicação do método de leitura histórico-tipológico, desenvolvendo-o. Explica a morfogénese do tecido urbano, o processo de formação e os processos de formação / transformação do tecido urbano do arrabalde de Los Humeros, em Sevilha (POZO Y BARAJAS, 1996), cruzando com a história local, com aspetos geográficos e da hidrografia do próprio rio Guadalquivir.

A análise ao arrabalde de La Macarena (POZO Y BARAJAS, 2003) confirmou as anteriores características de análise do tecido urbano, realizando, tal como anteriormente, uma reconstituição da sua morfogénese.

O Bairro Alto (CARITA, 1994) foi estudado por Helder Carita segundo o mesmo método, desde o território prévio à urbanização, o loteamento do bairro e as suas posteriores transformações tipológicas, com a substituição dos tipos iniciais por outros de maior volumetria vertical e horizontal. Se a Geografia foi fundamental à compreensão do sítio, a História da cidade permitiu o enquadrar este acontecimento urbano na época da sua formação e conhecer as suas relações posteriores. Conforme a cidade se transformava, o bairro, até certo ponto, também se transformou. Ao identificar e categorizar os tipos construídos, deu um contributo pioneiro para a definição do processo tipológico na cidade de Lisboa, que é de difícil discernimento para os períodos mais antigos.

FIG. 4 – Desenho de reconstituição de parte do território do concelho de Odivelas, onde se identificam a cinza escuro as estações arqueológicas, e a cinza claro os moinhos de vento e água (extrato de DURÃO e ALMEIDA, 2012: fig. 1.8).



A análise da Frente de Alfama (Durão, 2011 [2005]), fragmento urbano assente sobre um trajeto matriz primigénio, oriental (Durão 2018), é um local de que não se conhece o loteamento inicial e que, por isso, obrigou à integração de diversos saberes multidisciplinares, como a Topologia, que permitiu o reconhecimento dos elementos naturais determinantes da morfogénese, a Geografia, que nos explica o território primigénio e permitiu a sua reconstituição, e a História, na definição da ordem cronológica dos acontecimentos urbanos e na relação dos momentos estudados com acontecimentos gerais ou da própria cidade que influenciaram a forma urbana, sempre na procura de entender o processo de formação e os processos de transformação do tecido urbano e dos tipos edificados (Fig. 5). Aí se detetou e se realizou uma primeira classificação dos aterros da frente ribeirinha e da Baixa de Lisboa, fundamentais na formação de novos territórios da cidade.

3.3. O estudo desses aterros foi posteriormente desenvolvido (Durão 2012), tendo-se realizado um primeiro mapeamento cronológico, para o que foi essencial a Arqueologia, pois permitiu conhecer as diferentes camadas enterradas na Baixa (sede do Banco Comercial Português - Bcp) e que correspondem a diferentes momentos de ocupação urbana. Contou-se com a colaboração do arqueólogo Clementino Amaro na verificação dos elementos estudados e apresentados. Nesta investigação, foi necessário integrar também saberes da Filosofia, quando se procurou obter uma visão holística sobre o que representa para a cidade a frente ribeirinha como espaço de mediação entre o rio e a própria cidade, agora sem muralhas, mas com uma frente-rio que mantém a separação dessas duas realidades. As disciplinas de Geologia e de Hidrografia, ao analisarem estes espaços constituídos por aterros, manifestam receios quanto ao seu comportamento em caso de sismo, o que ainda se evidencia mais pelo sucedido em 1755. Os aterros da Baixa em Época Romana foram objeto de uma tese de mestrado (Conceição, 2013), onde o conhecimento arqueológico do local foi fundamental à investigação, assim como noções de História Local.

A investigação sobre a "Muralha" realizada por Alfonso del Pozo, demonstra esta ter sido um dos elementos decisivos na construção do *lugar*, que tem uma certa analogia com a casa centro da vida do ser humano e da família, onde se acondiciona o fogo, o lar (Pozo y Barajas, 2003). De um extremo rigor, como nos habituou nas suas investigações, Alfonso del Pozo, numa difícil abordagem, apoiando-se

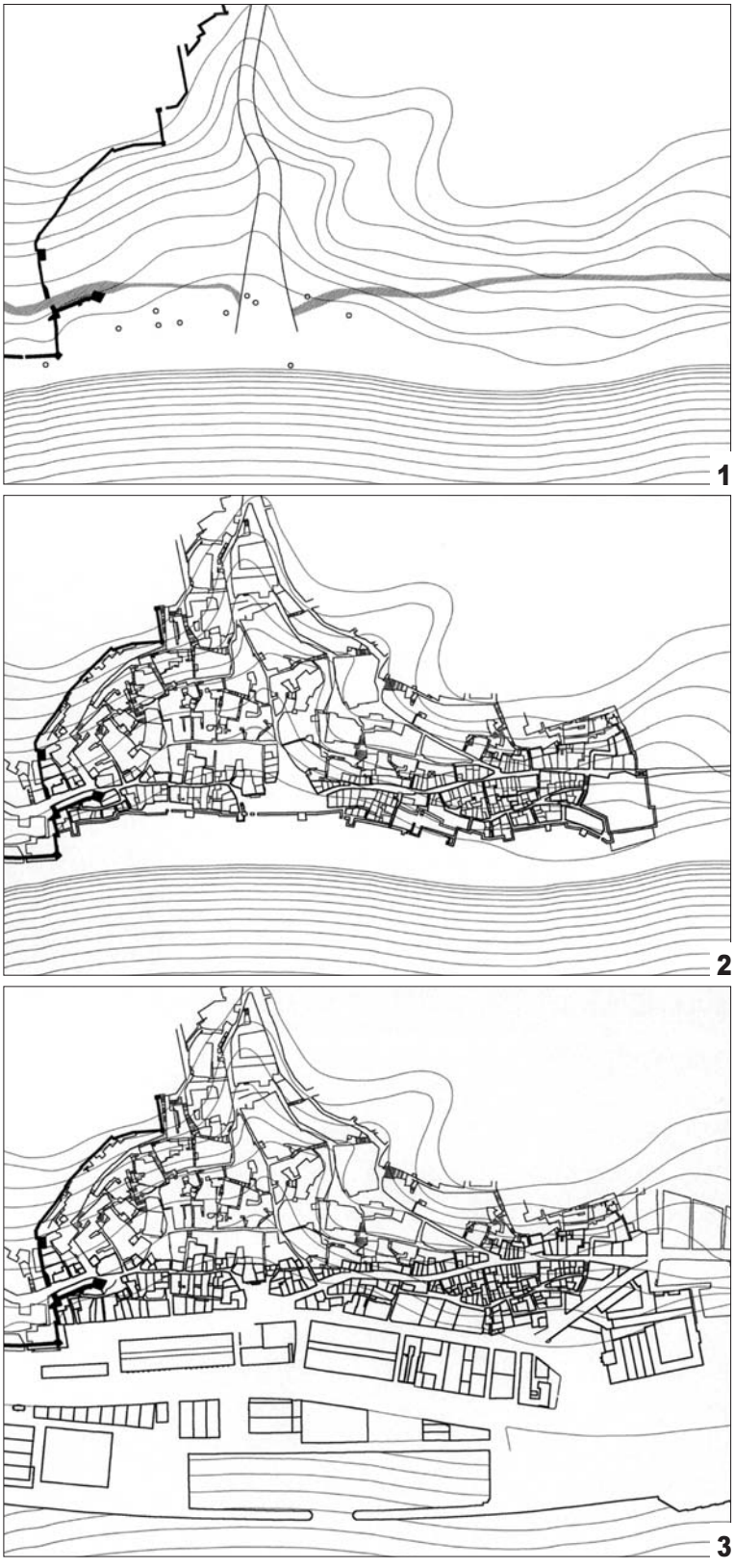


Fig. 5 – Frente de Alfama: **1.** Reconstituição dos elementos naturais e antrópicos da morfogénese do tecido urbano: o relevo; o rio; as emergências de água; o espaço da ribeira e do seu delta onde foi criada a rua da Regueira e o Largo do Chafariz de Dentro, respetivamente; o trajeto matriz oriental; a cerca romana ou moura e a proximidade à cidade. **2.** Hipótese de reconstituição após a construção da Cerca Fernandina, 1373-1375; **3.** Na atualidade, 2002 (Durão, 2011 [2005]).

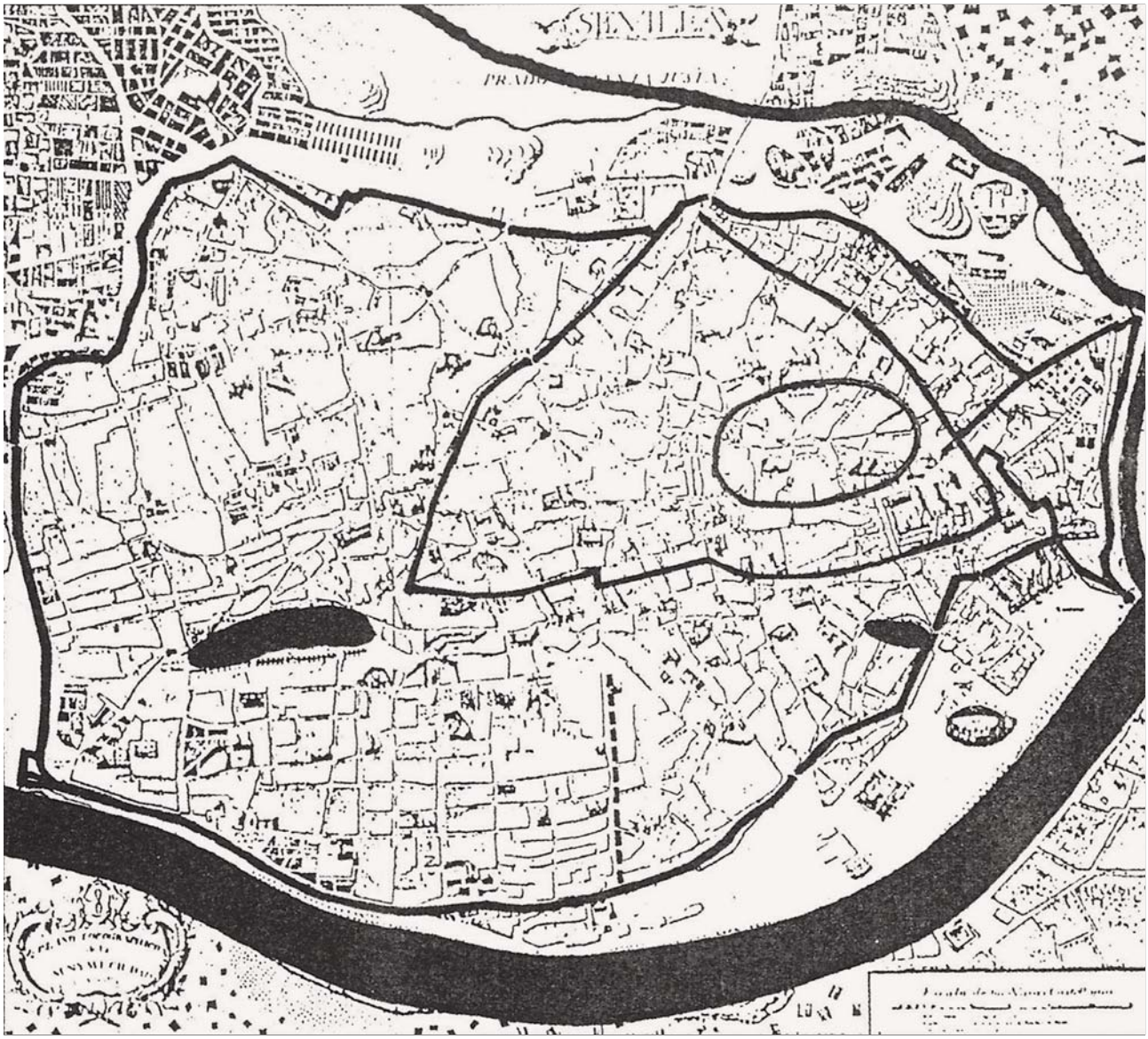


Fig. 6 – Sevilha: as sucessivas cercas. Desenho do autor sobre a base do Plano de Olavide (1771) (segundo Pozo y Barajas, 2003: 61).

na Filosofia, nomeadamente na fenomenologia, cruza noções desenvolvidas por Martin Heidegger, Gaston Bachelard e Norberg-Shultz, entre outros, que se revelaram cruciais a esse entendimento holístico, que nos mostra as diferentes relações espaciais que a muralha gerou e consolidou, e como foi essencial ao conceito de *lugar*, evidenciando-se a profunda dicotomia interior / exterior na cidade antiga, o estar dentro *versus* o desconhecido, para além da aplicação concreta à cidade de Sevilha, onde propôs uma reconstituição das antigas cercas da cidade (Fig. 6).

A investigação sobre o "Trajeto Matriz" (Durão, 2018) evidenciou um dos elementos fundamentais da estrutura do espaço antrópico. Relacionou-se com a fenomenologia, ao estabelecer uma relação entre o *trajeto* e o *lugar*, enquanto as noções de Geografia surgiram naturalmente pela adaptação que os antigos trajetos tinham ao próprio território. O cruzamento dessas noções com as da Arqueologia ganhou particular importância num dos trajetos estudados, o trajeto matriz oriental que iria da antiga Porta do Ferro, em Lisboa, passava pela Porta de Alfama, pela Porta da Cruz e seguia para oriente da cidade (Fig. 7). Será anterior à própria urbanização, como percurso natural, há vestígios arqueológicos do tempo romano quer em Lisboa, quer no caminho para Santarém, e ainda existe na atualidade, sendo um dos mais antigos elementos patrimoniais da cidade.

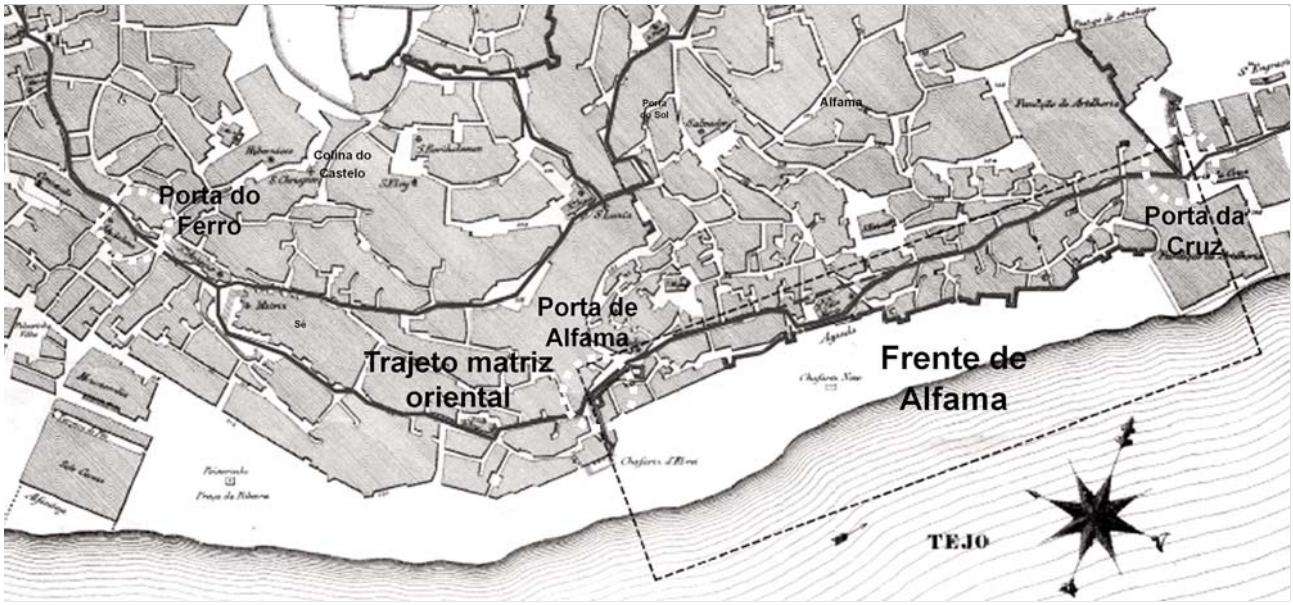


Fig. 7 – O Trajeto Matriz Oriental (extrato de Durão, 2018: 53, fig. 7).

Bibliografia

Caniggia, Gianfranco (1984) – *Lettura di una città: Como*. New Press [ed. original: 1963].

Caniggia, Gianfranco e Maffei, Gian Luigi (1995) – *Tipologia de la Edificacion. Estrutura del Espacio Antropico*. Madrid: Celeste Ediciones, S.A. [ed. original: *Lettura dell' edilizia di base*, 1979].

Carita, Helder (1994) – *Bairro Alto: tipologias e modos arquitectónicos*. 2.ª edição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Cataldi, Giancarlo (1977) – *Per una scienza del territorio*. Firenze: Editora Alinea.

Conceição, Manuel Gaspar (2013) – *Os Aterros da Área da Baixa de Lisboa: dos romanos à contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, orientada por Bernardo d'Orey Manoel e apresentada à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

Durão, Vitor (2011) – *Análisis Urbano del frente de Alfama, en Lisboa. Formación y Transformación*. Editorial Académica Española [publicação baseada na tese de doutoramento *Formación y Transformación de la Morfologia Urbana y de la Tipologia Edilicia en el Frente de Alfama*, orientada por Alfonso del Pozo y Barajas e apresentada à Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla (Etsa), Universidad de Sevilla, España (2005)].

Durão, Vitor (2012) – "Análise Urbana de Territórios Construídos. Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa". *Revista da Gestão Costeira Integrada / Journal of Integrates Coastal Zone Management*. Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos / Univali. 12 (1): 17-30.

Durão, Vitor (2018) – "Trajeto Matriz. Análise de trajetos matrizes em estruturas territoriais e urbanas da área de Lisboa: Odivelas, Graça, Colina do Castelo e Frente de Alfama". *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 22 (2): 47-57. Em linha. Disponível em *https://issuu.com/almadan*.

Durão, Vitor e Almeida, Rogério Vieira de (2012) – *Análise Urbana. Odivelas. De Aldeia a Centro Histórico da Cidade*. Lisboa: Centro de Investigação em Arquitetura e Áreas Metropolitanas (Ciaam) / / Iscte - Instituto Universitário de Lisboa [documento interno, Câmara Municipal de Odivelas].

Marques, A. H. de Oliveira; Leguay, Jean-Pierre e Beirante, Maria Ângela (1993) – "Portugal das Invasões Germânicas à «Reconquista»". In Serrão, Joel e Marques, A. H. de Oliveira (dirs.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. Vol. II.

Muratori, Saverio (1959) – *Studi per una Operante Storia Urbana di Venezia*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.

Muratori, Saverio; Bollati, Renato; Bollati, Sergio e Marinucci, Guido (1963) – *Studi per una Operante Storia Urbana di Roma*. Roma: Consiglo Nazionale delle Ricerche.

Norberg-Schulz, Christian (1975) – *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume.

Norberg-Schulz, Christian (1998) – *Genius Loci. Paesaggio Ambiente Architettura*. 4.ª ed. Milano: Gruppo Editorial Electa [ed. original: *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*,1980].

Pozo y Barajas, Alfonso del (1996) – *Arrabaldes de Sevilla, Morfogénesis y Transformación. El arrabal de Los Humeros*. Sevilla: Universidad de Sevilla y Consejería de Obras Públicas y Transportes de la Junta de Andalucía.

Pozo y Barajas, Alfonso del (2003) – "La Muralla. Las murallas de Sevilla". In *Sevilla. Elementos de Análisis Urbano*. Sevilla: Universidad de Sevilla, pp. 19-74.

Silva, Carlos Tavares da (2001) – "A Idade do Ferro na Região do Baixo Sado: contribuições recentes". In *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 79-100 (*Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, n.º especial).

Silva, Carlos Tavares da e Coelho-Soares, Antónia (2014) – "Preexistências de Setúbal. A ocupação da Época Romana na Travessa de João Galo, n.ºs 4-4B". *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Maeds. 15: 305-338.

Soares, Joaquina (2000) – "Arqueologia Urbana em Setúbal: problemas e contribuições". *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 101-130 (*Trabalhos de Arqueologia*, 14).

Sousa, Elisa de (2016) – "A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material". *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 42: 167-185.